

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: Ofaié

Data: 28/04/91

Pg.: \_\_\_\_\_

# Índios de Brasilândia lutam contra extinção

LUÍZ CARLOS LOPES

BRASILÂNDIA — Para tentar lutar contra a extinção de suas tribos, representantes dos últimos sobreviventes dos índios ofaié xavante se reunirão no próximo mês numa área recentemente doada de 30 alqueires da Fazenda Cizalpina, às margens do Rio Verde, no município sul-matogrossense de Brasilândia, próximo à divisa com o Estado de São Paulo. No final do século passado, eles eram cerca de dois mil. Atualmente, restam apenas 71 índios.

Alguns trabalham como bóias-frias na Serra do Bodoquena, no Mato Grosso, mas a grande parte vive na Fazenda Santa Cecília, em Brasilândia, onde ocupavam uma pequena área de dois hectares ao lado do Rio Paraná, cedida por um fazendeiro da região. Cerca de 25 índios mudaram-se para ali, há três anos, vindos de uma aldeia localizada entre a cidade e o Distrito de Xavantina. Na época, eles receberam o auxílio da prefeitura e do Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

Liderados pelo cacique Ataíde Francisco, os ofaiés lançaram uma campanha pela sobrevivência, chamada de Ainda Estamos Vivos. Com isso, eles receberam dois mil hectares por meio do superin-

tendente da 2ª Regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), Nilson Campos.

De acordo com as estatísticas do representante do Cimi de Brasilândia, Carlos Alberto dos Santos Dutra, existem 10 pessoas brancas casadas com os ofaiés e apenas 27 conhecem a língua. Por isso, técnicos e professores da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul pretendem visitar o local para pesquisar e ensinar o idioma aos outros integrantes da aldeia.

As denúncias sobre as condições de vida dos ofaiés levaram os vereadores de Brasilândia a pedirem aos proprietários da Fazenda Cizalpina que concordassem em ceder 30 alqueires de terra para os índios. Com isso, a tribo será reagrupada. Aqueles que vivem na Santa Cecília limparão a área para o cultivo de arroz, feijão e mandioca.

Numa segunda etapa, o cacique pretende convencer os ofaiés do Mato Grosso a mudarem-se para a gleba. Nessa área, eles poderão ficar no máximo oito anos, até que sejam concluídas as obras da Usina Hidrelétrica de Porto Primavera, que represará as águas do Rio Paraná e inundará todas as terras da região.

## Relatório denuncia extermínio de tribo

Perseguidos pelos primeiros exploradores do oeste, os índios ofaiés xavante foram praticamente dizimados. De acordo com um estudo do teólogo Carlos Alberto Santos Dutra, muitos morreram por causa das doenças do branco, como a tuberculose. No final do século passado, eles ocupavam um território estimado em mais de 120 mil alqueires, ao longo da margem direita do Rio Paraná entre os Rios Verde, Taquaraçu e Pardo.

Em 1916, num relatório enviado ao Conselho Nacional de Proteção aos Índios, o marechal Cândido Rondon já avisava que os ofaiés "estavam sendo sistematicamente caçados e exterminados". Em 1946, eles formavam um reduzido grupo

de 200 pessoas, concentradas ao lado do córrego Boa Esperança, atualmente município de Brasilândia. Mais de 30 anos depois, o antropólogo Darcy Ribeiro considerou-os extintos, enquanto entidade étnica.

Porém, o Estado publicou uma reportagem no dia 6 de agosto de 1976, mostrando o total isolamento do grupo, que contava com apenas 24 pessoas. Mesmo assim, a situação deles não melhorou. A Fundação Nacional do Índio (Funai) deslocou-os para uma área da região da Serra do Bodoquena, local conhecido por conflitos entre outras tribos e posseiros. Em 1986, alguns abandonaram aquela região e tentaram ocupar novamente terrenos em Brasilândia.